



PSICOLOGIA: ENTRE A TRADIÇÃO E A INOVAÇÃO¹

Ana Mercês Bahia Bock²

Bom dia. Olha, eu quero dizer que o primeiro sentimento que eu tenho quando piso nesta terra é desta generosidade, desta doçura que caracteriza os mineiros. Tenho sempre muita satisfação, tenho aqui muitos amigos e gosto muito de estar em Minas Gerais. O motorista do táxi que me trouxe ontem do aeroporto, eu dizia para ele: *eu gosto muito de Belo Horizonte... Gosto de tá aqui... Gosto muito*. Aí chegou uma hora que ele falou assim: *a senhora gosta muito mesmo né, de Minas Gerais*. [Risos]. Ele se convenceu que eu gostava muito de Minas Gerais e eu gosto mesmo. É sempre um prazer ser recebida com essa gentileza que caracteriza a cultura mineira.

Outra coisa é a inveja. Eu falei: *Nossa, eu entro aqui nesta PUC...* Eu sou uma professora PUC de muitos anos. Em 1970 eu entrei como aluna da PUC de São Paulo e nunca mais saí. Hoje dou aula na graduação. Nunca quis deixar a graduação. Dou aula na pós-graduação e sou PUC, conhecida como tal. E aí este prédio de vocês é invejável, é muito bacana, muito gostoso de estar. Aí, quando eu já estava encantada com o Campus, aí me puseram aqui dentro desse auditório: *Nossa, que inveja*. Aí eu tropiquei, até de castigo porque né, inveja nunca faz bem. [Risos] E aí, sentam aqui as pessoas para abrir o evento, para receber a gente e somar-se a gentileza mineira.

Então, é com muito prazer que eu estou aqui agora para conversar com vocês, e agradecer a confiança que o convite expressa de acreditar que se possa contribuir numa reflexão, então eu agradeço. Agradeço aqui a Nanci³ e agradeço a todos que estiveram envolvidos nesse convite, nesse evento.

Muito bem. Psicologia – entre a tradição e a inovação.

¹ Conferência de abertura do VIII Encontro Integrado de Psicologia da PUC Minas São Gabriel, ministrada pela professora Ana Mercês Bahia Bock, nos dias 5, 6 e 7 de abril de 2016. Transcrita e adaptada para texto por Jefferson Junio Fontana Silva, graduando em Ciência da Computação e auxiliar da diretoria da Faculdade de Psicologia da PUC Minas e Isabela Marinho Maciel, graduanda em Psicologia e monitora da Pretextos, em setembro de 2016.

² Psicóloga, doutora em psicologia social. Professora titular do Departamento de Psicologia Social da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP). Professora no Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação e na graduação em psicologia da PUCSP. abock@pucsp.br

³ Professora Nanci Rajão, da PUC Minas, integrante da Comissão Científica e Organizadora do VIII Encontro Integrado de Psicologia da PUC Minas São Gabriel.



Eu gosto bastante do tema. Ele permite aí pensar nas contradições que o percurso da Psicologia – o percurso de qualquer coisa, mas no caso aqui da Psicologia – todo percurso carrega as contradições, nesse sentido das tradições e das inovações. E penso que se a gente quer avançar... Se nós não somos conservadores e queremos manter as tradições – porque claro, é uma postura possível, você ser conservador e trabalhar para manter as tradições –. Então, se não é esse o nosso caso, nós devemos estar prontos para aceitar e reforçar as construções que são consideradas inovadoras. Isso exige, no entanto, o conhecimento das tradições. É interessante porque é exatamente um movimento contraditório onde ter inovações, inovar, ser capaz das inovações envolve, implica e exige que a gente tenha conhecimento, que a gente olhe, analise, pense e conheça as tradições. Mas é claro que esse conhecer as tradições se dá aí nesse caso com um compromisso bastante forte com aquilo que nós estamos chamando de possíveis inovações. Então, eu vou percorrer um pouco da história da Psicologia como profissão no Brasil, muito superficial e rapidamente, para a gente poder pensar nas inovações que estão apontadas e verificarmos que condições são necessárias para o seu desenvolvimento. Então, esse é o percurso que eu vou fazer. Vou buscar um pouco da história da profissão no Brasil para a gente poder chegar ao que nós estaríamos aqui apontando/chamando de inovação.

A história da profissão e suas tradições. Nós nos instalamos no Brasil, como profissão, claramente a serviço da burguesia, da elite brasileira, no projeto que essa elite produziu, alimentou, desenvolveu de modernização do País. O processo de modernização brasileiro é um processo que não envolveu a população brasileira. Não houve uma escolha da população, não houve uma adesão da população. A população sofreu o processo de modernização que era um processo claramente desenvolvido pela elite brasileira. Com muita responsabilidade da elite mineira, da elite gaúcha, da elite paulista, da elite carioca, nesse processo de modernização.

O que significava modernizar o País? Significava sair de um lugar, de um País agrário, de um País rural para um País tecnológico, para um País industrializado, para um País urbano. Esse é o projeto que vai se dar a partir de Getúlio Vargas e nós vamos ter aí talvez o auge dessa modernização, pelo menos o simbólico, fortemente simbólico, com Juscelino Kubitschek. Então, ele projetou, ele pensou um outro País. Ele pensou outro jeito de estar nesse País. Ele pensou outro jeito de produzir a riqueza desse País que era pela industrialização e nós sabemos que isso tudo vai modificar e muito as nossas vidas. E o interessante é que no decorrer do tempo do desenvolvimento desse projeto, em 1962 nós vamos ter aprovada a Lei 4.119⁴ que

⁴ Lei que dispõe sobre os cursos de formação em Psicologia e regulamenta a profissão de Psicólogo em 1962.

regulamentou a profissão do psicólogo no Brasil. Interessante pensarmos que era uma inovação que não havia sido reivindicada. Não houve movimento social. Ninguém foi para a rua com cartazes, dizendo: “Queremos psicólogos”, “Queremos a Psicologia”. Não havia movimentos, nem pequenos, que pudessem significar essa reivindicação, não havia nem mesmo um movimento do próprio grupo da Psicologia reivindicando a Lei 4.119. Ela quase que literalmente cai do céu, e a gente se pergunta: o que será que fez com que em 1962, quando não havia necessidade desta profissão, quando não havia reivindicação por essa profissão, quando não havia uma movimentação social que pudesse apontar para uma clara necessidade da Psicologia... O que será que produziu essa Lei 4.119? Pode-se imaginar que o motivo mais forte deve ter sido o projeto de modernização [do País]. Duas coisas eram características do projeto: uma é que tudo que era tecnologia era bem-vinda ao projeto, então todos os fazeres que apresentassem alguma contribuição tecnológica de resolver qualquer situação problemática, alguma questão social do processo de industrialização seria bem-vindo ao projeto de modernização.

Então, o que tínhamos naquele momento? Fortemente, os testes psicológicos. Tinha tido um desenvolvimento a partir das guerras, principalmente a partir da Segunda Guerra Mundial, um desenvolvimento forte dos testes psicológicos com uma riqueza, uma diversidade, uma quantidade de testes, de instrumentos que a gente podia usar para várias coisas: inteligência, motivação, interesse, personalidade. Muitas coisas podiam ser medidas com a técnica moderna que eram os testes psicológicos. E nós tínhamos no País já naquele momento com formação no exterior ou com formação, às vezes até na própria prática, os chamados Psicotécnicos. A gente tinha três nomes que depois na Lei vão ser incorporados: Psicologistas, Psicometristas e Psicotécnicos. Eram os nomes que se davam as funções daqueles que aplicavam testes e eram reconhecidos, tinham reconhecimento, trabalhavam em institutos de orientação, institutos do trabalho, além da presença deles na educação, onde se queria uma sala de alunos mais homogênea e para isso era preciso aplicar testes para saber quem era parecido com quem. Então nós sabíamos, pelos testes psicológicos, categorizar, nós sabíamos diferenciar, nós sabíamos discriminar e oferecer como resposta para problemas, que eram pensados como problemas naquele momento, respostas que ajudavam na solução daquelas questões. A industrialização tinha uma questão muito central e muito importante, ela precisava ser capaz de decidir quem era a pessoa certa para o lugar certo. Ficou conhecido como *o homem certo para o lugar certo*. E os testes psicológicos tinham a possibilidade de responder a essa questão. Então, nós imaginamos que essa contribuição, que essa função social que nós éramos capazes de cumprir tenha levado a uma incorporação da Psicologia no projeto de modernização.

Ah, outra coisa... Eu falei que eram duas. A outra coisa é que nos éramos conhecidos e vamos ficar cada vez mais conhecidos como profissionais capazes de lidar com aquilo que se chama indivíduo. Com relação ao sofrimento, com as suas tensões, com os seus desejos. Nós vamos ficar conhecidos como esse profissional que sabe lidar com aquilo que acomete o sujeito, seja positivamente ou negativamente, nós sabemos lidar com aquilo. Somos um profissional do indivíduo. A gente sabe lidar com uma subjetividade individualizada e que depois isso vai produzir uma tradição das mais fortes no campo da Psicologia, que é chamada Psicologia Clínica. As terapias, os projetos terapêuticos...

Então, nós vamos ter uma aceitação muito grande por parte daqueles que desejavam o projeto de modernização do País. E vamos encontrar de repente lá, tramitando na Câmara Federal, o projeto de Lei que regulamenta a profissão dos psicólogos. E, obviamente, que vamos nos surpreender porque não fizemos parte e o grupo que naquele momento fazia parte do departamento de Psicologia da Associação Brasileira de Psiquiatria – nós éramos um departamento que aglutinava ali um pouquinho de gente que trabalhava nesse campo, que tinha interesse, que tinha ido para fora, tinha uma formação no exterior, estavam aglutinados ali – esse pessoal vai passar a participar e foram tantas as ementas oferecidas ao projeto de Lei que ele acabou tendo um substitutivo que foi aprovado como Lei 4.119.

Não sem tensões. Tensões do tipo: É função privativa dos psicólogos o uso de métodos e técnicas em Psicologia ou não é privativo? Tanto que o presidente da República sancionava em vetar o privativo e é a Câmara Federal que derruba o veto do João Goulart de que não seria privativo, afirmando que é privativo dos psicólogos o uso de métodos e técnicas psicológicas. Coisa que nós não sabemos até hoje o que quer dizer, mas está bom, a gente gosta do privativo dos psicólogos, o uso do que é psicológico. Nós vamos – *nós* queremos dizer *eles lá*, né gente, também não sou tão velha assim [riso]. Eles lá brigaram porque aqueles que se formaram nos Estados Unidos queriam que a profissão se chamasse Psicologista, a profissão dos psicologistas e aqueles que se formaram na Europa que queriam que se chamasse Psicólogos, uma tradição francesa e aí eles vão lá disputar se o nome é esse ou aquele. Então tinha de tudo. Vejam que nem consenso sobre qual era exatamente o título desse profissional a gente tinha.

Para vocês terem uma ideia, nós estamos falando de 1960 a 1962. Ana Bock tinha 10 anos, nem pensava em ser psicóloga, mas quando chega lá em 1975 eu me formo na PUC de São Paulo. Psicóloga. Já cursos regulamentados, instituídos etc. Eu me formo e em 1977, 15 anos depois da regulamentação da Lei, eu vou ao Conselho Regional de Psicologia de São Paulo, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Naquela época reunia-se esses três estados [em

um único órgão de Conselho] para me inscrever como psicóloga, para obter o meu CRP. Quando sai a minha carteirinha eu sou o número 2.771 e os números, eles são por Conselho, eles não têm continuidade e se repetem. Tem número 01 em todos os Conselhos Regionais. Muito bem, 2.771 em 1977 no maior Conselho Regional do País que naquela época – hoje tem 33% dos psicólogos do Brasil – naquela época tinha 60% dos psicólogos do Brasil. Então, vocês imaginem que no País em 1977, 15 anos depois de regulamentada a Lei não existiam mais que cinco mil profissionais e assim nós tínhamos mais de 50% dos profissionais do País. Então, era uma fragilidade necessária de ser percebida quando a gente retoma a tradição da Psicologia. Porque o que vai explicar a gente ter recebido uma certidão de nascimento em 27 de agosto de 1962 assinado pelo presidente João Goulart, uma certidão de nascimento que não correspondia ainda a uma criança, a criança ainda não estava inventada, só a nossa ou, principalmente, a nossa intimidade com a elite brasileira pode justificar essa conquista. Isso é importante porque significa que nós nascemos com a elite, nós nascemos da elite, nós nascemos para a elite brasileira e era esta Psicologia que fizemos, é essa Psicologia que nós vamos fazer durante muito tempo e ainda com muitos resquícios dela por muitos cantos desse País. E mesmo em nossas grandes cidades, mesmo em nossas grandes universidades, claramente as pessoas dizem assim – claro, não são pessoas que merecem tanto assim nossa atenção [riso] – mas dizem assim: *O grupo do social...* E quando vão dar exemplo, dão exemplo de que a gente trabalha com pobre: *Ah, esse povo aí gosta bastante de pobre.* E o outro grupo, que é o grupo tradicional que trabalha atendendo a elite, que tem muitas formas de trabalhar nas psicoterapias, tem outro tipo de contribuição [...]. Então assim, é no grupo do social que está à luta antimanicomial, é no lado do social que está à Psicologia comunitária, as políticas públicas, o compromisso social. E é do outro lado que estão as psicoterapias, com toda sua sofisticação e que está o desenvolvimento ou o cuidado e o desenvolvimento daquilo que é tradicional. Quando a gente fala em tradição, a gente precisa lembrar que a tradição, para se manter como tradição tem que se desenvolver, ela tem que progredir até porque se não ela fica ultrapassada.

Então, a gente tem uma divisão forte neste campo, no lado do social, nós temos muito menos importância atribuída à perspectiva teórica escolhida pelos profissionais. Não que a gente não incentive, não trabalhe para a escolha de perspectivas teóricas, mas a questão central deste lado do social é: qual é o problema que você lida? Com o qual você lida? Para o qual você está interferindo para resolver que questão coletiva? Então, as questões estão muito mais ligadas a isso do que ao fato de qual é a sua abordagem. Então, a gente brinca que do lado de lá as pessoas se apresentam dizendo: *sou Psicóloga com tal abordagem.* Do lado de

cá, as pessoas dizem: *sou psicóloga, atuo na saúde pública* etc. Então, são diferenças, até culturais, que vão se instituindo nas chamadas duas alas. Estou aqui simplificando como duas alas, mas para a gente poder enxergar que existem pelo menos dois projetos em questão na Psicologia, um que a gente poderia chamar de tradicional e um que nós poderíamos chamar de inovador.

Claro que puxar a palavra *inovação* para o nosso lado, [eles] vão falar assim: *Ah, mas ela está querendo que o dela seja o mais bacana* [risos]. Que seja o mais bacana. Claro que eu quero que o meu seja o mais bacana, mas não é só isso. É porque, efetivamente, se a gente entender que a história pode ser contada desta maneira: de que a Psicologia teria surgido a partir de um projeto de modernização que a elite brasileira tinha para o País e que veio a partir dos testes e depois se institui com os testes, se institui na indústria, na escola e depois desenvolve as psicoterapias para um atendimento da elite, para a elite, com a elite e durante muitos anos a população brasileira não terá acesso à chamada Psicologia Clínica, à chamada Psicoterapia, pelo menos. Então, isso significa que tradicionalmente é esta a cara da Psicologia brasileira. Ela se institui para diferenciar, ela se institui para – claro, porque trabalha com os testes psicológicos – para diferenciar, para caracterizar e esta é que eu estou chamando de tradicional.

E temos a outra possibilidade, que eu estou chamando aqui de inovadora. Como é que foi possível, com toda essa tradição, com todo esse pertencimento a elite, como é que foi possível aparecer uma outra alternativa, que a gente aqui agora está chamando de inovadora? Então, sobre essa alternativa, nós podemos trazer alguns elementos para compreender.

Um deles é que a ditadura militar se instalou em 1964 para nunca mais voltar, assim esperamos. Nem ditadura militar, nem ditadura judiciária, porque agora a modernidade trouxe uma ditadura que vem a partir do judiciário e não mais do militar, apesar das pessoas falarem de ditadura militar. E aí, ela se instituiu em 1964. A ditadura militar precisou da camada média para se manter no poder. Sem a camada média, ela não teria possibilidade de se manter. Ela [a ditadura militar] é elite, mas foi buscar a camada média e ofereceu muitas condições: o milagre brasileiro e muitas coisas que vão possibilitar a adesão bastante forte da camada média à chamada ditadura militar. No entanto, quando os ditadores resolveram abrir o País ao capital estrangeiro, começou a aparecer no País um conjunto de empresas que produziam grandes cadeias de supermercado, grandes cadeias de lojas, grandes negócios, grandes monopólios, que foram sufocando, devagarzinho e sempre, aqueles pequenos negócios da camada média. Então, o cara que tinha lá uma loja um supermercadinho na esquina que as pessoas tinham um livrinho que compravam e depois pagavam no final do mês e que ele botava o fi-

lho dele ali para ajudar a fazer pacote, e se ele fosse um pouquinho maior já podia ficar no caixa, porque ele iria herdar aquele negócio. Assim, para o sapateiro, para a costureira, para o padeiro – até a padaria hoje já é monopólio. E aí, isso vai impedir a camada média de com o seu negócio próprio manter o seu status. E a camada média começa a falir/fechar seus negócios e ela começa, portanto, a retirar o seu apoio à ditadura militar. O que a ditadura oferece para manter o apoio? As Universidades. As Universidades serão oferecidas para que os filhos da camada média possam em vez de herdar o negócio lá, aquela vendinha, ele agora vai virar psicólogo; ele vai virar engenheiro; ele vai virar arquiteto; ele vai virar médico; advogado. Agora, ele pode entrar para a Universidade que era restrita a uma elite brasileira para fazer a sua carreira profissional. Isso muda o cenário das Universidades.

Guardadas as devidas proporções, eu diria que hoje acontecem processos semelhantes com a entrada dos bolsistas Prouni⁵, com as cotas. E aí, nós temos a mudança do cenário, que é muito grande, nós temos um curso com 1.200 alunos e temos 120 bolsistas Prouni. É um número bastante significativo que acaba estando em todas as salas de aula porque eles são distribuídos por toda sala de aula e isso vai mudando o cenário, vai mudando a conversa, vão mudando as perguntas. E naquele momento a camada média, apesar de ter uma tradição conservadora, os seus filhos quando entram na Universidade cumprem um papel de renovação. São muitos dos filhos de camada média que vão se envolver, claro que junto com alguns filhos de elite, vão se envolver nos partidos de política clandestinos, no movimento estudantil que vai para a rua e que vai cumprir um papel importante no final da ditadura. Isso somado a grande repressão que vai acontecer no País é que vai exigir que uma parte ou a intelectualidade brasileira que tinha se proposto a militar junto ao movimento operário ou, o movimento rural dos trabalhadores rurais, que essa intelectualidade recue para sobreviver e manter-se no País, não precisar se exilar, recue para dentro das Universidades. Não sei a história da PUC de Minas Gerais, mas a PUC de São Paulo com Dom Evaristo Arns na cabeça da Arquidiocese paulista, com toda a inovação que Dom Paulo representava, a PUC vai acolher aqueles professores que tiverem que sair da USP. Então Paulo Freire, Maneia de Marcelândia, Otaviane, Florestan Fernandes, todos foram acolhidos pela Igreja dentro da PUC de São Paulo. Então, a PUC de São Paulo vira, assim, um lugar de efervescência e de discussão crítica e acredito que isso possa ter acontecido, com diferentes níveis, mas possa ter acontecido em todos os estados do País. Então, isso se soma a aquela juventude ansiosa por ir às ruas por se movimentar por

⁵ O Programa Universidade para Todos - Prouni se trata da concessão de bolsas de estudo integrais e parciais em cursos de graduação e sequenciais de formação específica, em instituições de ensino superior privadas, criado pelo Governo Federal em 2004 e institucionalizado pela Lei nº 11.096, em 13 de janeiro de 2005 oferece, em contrapartida, isenção de tributos àquelas instituições que aderem ao Programa.

fazer-se o movimento estudantil, e essas coisas se somam possibilitando a mudança do projeto da Psicologia.

Outra questão importante de ser apontada é que nós vamos assistir as grandes greves no final dos anos 70, no começo dos anos 80, nós vamos assistir as greves metalúrgicas, principalmente lá no ABC, mas espalhadas por todo País, a movimentação dos trabalhadores rurais, a construção da CUT, a organização dos trabalhadores, com fortalecimento muito grande de determinadas bandeiras. A gente se surpreendia com o que era posto que a gente tinha que discutir, que já estava no nosso mundo discutir determinadas coisas. E eu me lembro de ter convidado como aluna do Centro Acadêmico, o Celso Frederico que é um pesquisador do movimento operário, para discutir o papel do psicólogo no movimento operário. Ele vai e diz assim: *Olha, os operários desconhecem a Psicologia. Eles conhecem o que eles chamam de porteiro de luxo.* Esse é o psicólogo que trabalha na seleção de pessoal que fica ali depois que ele já tratou o emprego, depois que ele já sabe como trabalhar, ele sabe o que fazer, ele sabe que vai dar certo, o lugar é próximo da casa dele e o cunhado dele trabalha ali também. E aí, ele chega para o teste psicológico e o psicólogo fala: *não... Você, infelizmente, não foi aprovado.* Então, para eles, era um porteiro que barrava. Nós fizemos como alunos uma pesquisa sobre a imagem que o psicólogo tinha junto aos operários e era muito isso. Porque o quê que acontecia? Eles não entendiam os testes psicológicos. A gente chegava e dizia: *desenhe uma árvore frutífera* ou *desenhe uma pessoa*. Para quê? *Como que eu desenhando uma árvore, essa moça diz que eu não sirvo para o trabalho? Como que eu desenhando uma pessoa ela diz que eu não sirvo? De onde ela tirou isso?* Ou seja, havia um desconhecimento, tanto que a gente vai durante muito tempo ter um imaginário social em torno da nossa profissão de que a gente adivinha e que a gente era capaz, a partir de traços, porque com aqueles testes e os traços a gente é capaz de dizer quem é o outro. Então, esse enigma faz com que o operariado desconheça muito da Psicologia. Então, ele dizia assim: o que a gente sabe dos psicólogos e das psicólogas – havia muitos homens no mercado da Psicologia Organizacional – é de que do lado do portão da fábrica estão os operários fazendo piquete para convencer os colegas que eles não devem entrar para trabalhar porque é preciso fazer greve. Do lado de dentro estão os representantes do capital dizendo: *entrem que nós garantiremos seu emprego, seu salário, venham; não se deixem amedrontar por esse discurso do colega, venham.* E no meio estão os psicólogos dizendo: *por favor, o senhor não grite assim que não vai dar certo, ou por favor, vocês também têm que escutar.* A gente já fazia mediação naquele tempo, já estávamos nos especializando na mediação e o Celso Frederico contava, então, essa realidade para nós, estudantes de Psicologia e sobre o movimento operário, então, que vai se desenvolvendo.

Eu sempre conto que assim, logo depois que eu me formei/me formei em 75 e em 79, 1980, me tornei secretária da diretoria do Sindicato dos Psicólogos do Estado de São Paulo. Em 1980/81 recebi um telefonema e a menina disse assim: *olha, tem um moço do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo querendo falar com a senhora*. Falei: *Nossa, que importante. Vamos lá*. Devia ser grevista, do movimento grevista. Atendi. Era uma pessoa que se chamava Lula e dizia: *olha, nós estamos querendo ajuda do Sindicato dos Psicólogos aí, porque a gente sabe que vocês são capazes de saber se as pessoas tão mentindo ou não estão mentindo. E aí, a gente precisa que vocês venham nós ajudar na distribuição do fundo de greve, do leite* [que eles davam para as famílias]. *Porque as pessoas chegam aqui e mentem que eles têm 3 filhos, 4 filhos, 5 filhos. E a gente não sabe. Como que eu vou saber? Aí eu vou pedir para o cara: “traz a certidão de nascimento”*. *Aí o cara vai procurar, ele já perdeu a certidão, tem que ir ao cartório pegar e a criança vai morrer de fome. Se a criança existir mesmo. Então, a gente não sabe o que fazer. A gente queria a ajuda de vocês*. Aí eu tive a oportunidade de dar uma aula para o senhor Lula de que os psicólogos não adivinhavam, de que os psicólogos trabalhavam com instrumentos e que nos desculpassem.

Olha, se o Super Homem aparecesse e dissesse que iria virar a terra ao contrário e fazer o tempo voltar, eu voltaria e escolheria voltar naquele dia. [Risos] Porque depois, como aquele dia não voltou, eu passei muito tempo da minha vida para dizer ao senhor Lula que a gente sabe, sim, fazer o que ele precisava. E é com satisfação que lá nos anos 2000 e alguma coisa, 2003, 2004 eu vou ao gabinete do senhor Lula, já Presidente da República, para dizer a ele – é claro que eu falei foi com o assessor dele – assim: *“nós sabemos fazer um bocado de coisa e se naquele dia eu disse que não sabíamos, estou arrependida. Nós sabíamos sim, sabemos e viemos fazer”*. E aí, criamos o Banco Social de Serviços em Psicologia que foi uma experiência muito interessante desenvolvida com o Governo Lula assim que ele assumiu.

Então, voltando lá no passado: nós tínhamos essa possibilidade de contato. Eu me lembro de que na Fundação da CUT, nós do Sindicato dos Psicólogos do Estado de São Paulo fomos e sentamos lá atrás porque a gente era super timidinho assim né, não sabíamos muito daquela cultura sindical machista, masculina. Aí, nós ficamos lá atrás sentadinhas, eu e a professora Odete Pinheiro. Ela era a presidente do Sindicato e eu era a Secretária. E aí, o Joaquinzão⁶, que já morreu, presidiu o Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, grande pelego presidia algumas assembleias e na primeira oportunidade – porque depois vai ter o racha e tudo, e nós vamos fundar a CUT – mas em uma primeira reunião os votos eram nominais. Então, a

⁶ O metalúrgico Joaquim dos Santos Andrade, Joaquinzão, foi eleito presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo em 1965.

proposta era essa e ele vai: Sindicatos Metalúrgicos de São Bernardo; Sindicato dos Psicólogos do Estado de São Paulo – já teve dificuldade até de ler o que era o nome do Sindicato – aí, aquela massa de gente virou para trás para ver o que era. Quando levantamos eu, muito jovem, e a Odete, uma senhora jovem também, mas já uma senhora, e ela falou a posição do Sindicato dos Psicólogos do Estado de São Paulo. Ficou todo mundo assim [expressão de espanto]. Logo depois tinha um almoço porque a reunião durava o dia inteiro. Aí, teve um almoço e nós tínhamos os gráficos, fizemos depois um trabalho grande com os bancários, aquele pessoal. Porque as pessoas apareciam assim: *eu preciso de você*. Era a mesma fala do Lula. As pessoas acreditavam que a Psicologia podia ajudar. Interessante, porque nós aí estamos em 1980, 1982 – vou dizer 1982 para poder dizer 20 anos depois da regulamentação – e já havia no País dentro da sociedade brasileira certo reconhecimento. Ainda com uma visão bastante estereotipada de que nós tínhamos bola de cristal, de que nós ajudávamos às pessoas a serem felizes e etc e tal. Mas era uma visão que se instalava na comunidade brasileira. Quando antes nós não tínhamos nada disso. Falava-se *psicóloga* e as pessoas não sabiam nem falar o nome psicólogo porque tem o *ps*.

Muito bem. Esse compromisso/essa relação que nós vamos começar a manter com o movimento operário, com movimento rural, com a CUT, com esse movimento social, associado à outra coisa bastante importante que é o ingresso pela primeira vez dos psicólogos para o concurso público na rede estadual de São Paulo na saúde pública, onde nós vamos ser chamados para trabalhar e vamos atuar nos ambulatorios de saúde mental e vamos encontrar o movimento da saúde pública organizado e vamos nos associar a ele, vamos participar a ponto de chegarmos à direção desse movimento com a Mônica Valente, que era psicóloga, e que vai dirigir o movimento da saúde pública. Nós vamos começar a trabalhar em um campo muito interessante, porque vamos começar a atender nas nossas salas uma camada que não tinha tido acesso à Psicologia até então. E não sabíamos o que fazer. Como é que eu lido com essa gente, que eu falo com ela e ela não entende? Eu me lembro de ter recebido um grupo de psicólogas que estavam atuando – eu era já presidente do Sindicato – e elas pediram que a gente fizesse um curso ou, pelo menos, um espaço para que elas pudessem debater porque tinha muita dificuldade na atuação no serviço público. Elas diziam assim: *a gente fala com as pessoas no atendimento e as pessoas não entendem o que a gente pede. Se eu peço para fazer um desenho, a pessoa se recusa porque ela diz que ela é alfabetizada. Então não dá para discutir/não dá para fazer o desenho da figura humana. Se eu peço para ela contar um sonho, ela conta um projeto*. Então, eu lembro muito de uma psicóloga dizer assim:

Eu pedia para a dona Maria:

- A senhora me conta um sonho?

E ela falava:

- Ah, é trazer a minha família lá do Nordeste. Eu trabalhar para trazer, porque eu quero trazer minha mãe e as crianças. Eu e meu marido estamos aqui batalhando e a gente quer ter uma casinha, mas a gente só pode trazer as crianças, quando tiver a casinha... Esse é meu sonho.

Muito bem, aí a senhora Dona Maria tem hora que relaxa assim no seu trabalho... E a pergunta é feita novamente: - Mas o que a senhora pensa?

- Trazer as crianças e a minha mãe lá do Nordeste.

- Ah, tá, mas depois a senhora põe a cabeça no travesseiro e dorme. E é sabido que quando a gente dorme, a cabeça continua pensando. O que quê a senhora pensa aí?

- Ah, é só bobagem!

E ela falava assim: *eu não consigo fazer... Era difícil para ela me contar um sonho. Ela dizia que não se lembrava.* Essas são técnicas que só servem para a elite. Ou que precisa se desenvolver em diálogo com a população que não tem esse tipo de ferramenta para ser utilizada adequadamente com essa população. Mas a verdade é que as psicólogas dizem assim: *Não sei trabalhar na saúde pública. Não sei lidar com essa gente, não entendo o eles falam, eles não entendem o que eu falo. Como é que eu faço para trabalhar?* Ainda mais nós que fomos trabalhar com os doidos que tinham mais dificuldade ainda de entender o que estávamos falando. A loucura na pobreza é uma loucura diferente da loucura na elite. Então assim, não havia recursos efetivamente. Tudo isso junto então: a Universidade questionando o que fazer; a Saúde Pública; a Psicologia Comunitária surgindo de dentro das Universidades inicialmente como uma prática clínica, depois como uma prática social, coletivizadora. Tudo isso, e poderíamos somar mais alguns elementos, pode justificar a gente compreender que em um determinado momento foi possível surgir outro projeto que não aquele tradicional. Por isso, eu estou tomando a liberdade de chamar este de inovador porque no processo histórico, a meu ver, ele é o projeto inovador. Ele vem desse movimento contraditório. Ele vem do movimento que permitiu a instalação do desenvolvimento do tradicional, mas ao mesmo tempo o questionamento, as limitações e os problemas que o tradicional oferecia, que tem a ver mais com o uso, com uma população que não estava acostumada à linguagem da Psicologia e as nossas dúvidas de como atuar, e isto vai então se instalar como um projeto inovador. Que vai ficar apelidado de Psicologia do Compromisso Social. Podemos usar outros nomes, não está obrigatoriamente batizado com esse nome, mas as pessoas têm utilizado esse nome até para a gente poder escapar do nome Psicologia Social. Porque a Psicologia Social é uma área de conhe-

cimento, de atuação no campo da Psicologia, tem seu objeto específico, então ela não se iguala ao Projeto. Ela não é o Projeto. Ela pode ser trabalhada com várias abordagens, ela pode ser inclusive uma Psicologia Social tradicional que trabalhe com liderança, atitude, mudança de comportamento, que se instalou com muito sucesso em muitos projetos da modernização brasileira. O que que nesses dois projetos nós poderíamos apontar como diferentes? Nós poderíamos dizer que esses dois projetos têm a concepção do sujeito como algo diferente. Numa Psicologia mais tradicional nós teríamos um sujeito – claro, olha, estou colocando tudo aqui no mesmo saco quando, na verdade, essas coisas têm nuances e diferenças – mas essa Psicologia mais tradicional, ela tem uma noção de sujeito que é universalizadora. Ela pensou o sujeito, pensou o indivíduo, pensou a subjetividade de uma forma universal. Então, são teorias que constroem a partir de uma realidade qualquer. Seja no Iraque, seja na Inglaterra, seja no Japão, seja nos Estados Unidos, seja no Brasil, na Colômbia, na Bolívia, não importa onde o sujeito está, é o sujeito. O indivíduo. O indivíduo que pertence à natureza humana e que por pertencer a natureza humana tem determinadas características, tem desenvolvimento específico a ponto do Piaget⁷, autor que a gente preza, usa como referência – todos nós, eu acho, não há psicólogo que não use Piaget como certa referência – para pensar o desenvolvimento de habilidades, de capacidades, que seriam naturais do humano e não importa se eu estudei crianças suíças ou se eu estudei crianças na favela, na periferia de Belo Horizonte. Não importa porque todos são humanos, portanto, todos dotados de determinadas características e o processo de desenvolvimento pode ir mais lento, ou mais rápido, mas ele vai acontecer assim, chegando ao pensamento lógico formal.

Então, vejam que aqui há uma concepção de que os sujeitos estão dotados, já há um indivíduo apriorístico. Quando ele nasce, ele já pertence à espécie humana e, portanto, já está dado aquilo que se espera que vai acontecer. O sujeito já está dado. Claro que se você não regar, se você não botar no sol, se você não der uma terra fértil, uma família estruturada, com afeto... Se você não der tudo isso, esse sujeito se desvirtua daquele caminho natural que ele deverá percorrer. Então, nós vamos chamar de reeducação. Quando o sujeito se desvia, a gente traz para cá e fala: *Não, vamos reeducar porque esse sujeito/algo atormentou o seu desenvolvimento*. A ideia de desenvolvimento é a ideia de que estamos aqui para chegar a um determinado ponto e que deve ser adequadamente estimulado para que haja o alcance daquela situação desejada e desejável. Então, o sujeito está de certa forma predestinado a aquilo que a sua natureza comumente lhe deu. É interessante porque o psicológico nessa história vai apare-

⁷ Jean Piaget foi um importante epistemólogo suíço que se dedicou as pesquisas na educação e pedagogia

cer como o subversivo. Ao dizermos: ele tem um caminho para percorrer, vai percorrer, vai se estruturar, subjetividade, afeto, emoção, atitude, tudo isso vai acontecer como a Psicologia diz que vai acontecer. Raciocínio lógico vai acontecer. E a personalidade vai se desenvolver na direção da genitalidade e tudo isso aqui vai acontecer, não precisa se preocupar porque vai acontecer. Só trate de estimular bem porque vai acontecer. Então, um sujeito que tem um percurso a cumprir, mas tem algo irreduzível que é à vontade vai aparecer como vontade em muitas teorias tradicionais que é quando ele decide que não é assim, é assado. O Wundt⁸ quando pensou, formulou, se incomodou, também nos traz que há uma coisa que é irreduzível porque se o sujeito decidir que ele não vai por aqui, ele vai por ali, ele vai por lá. Então, há algo e isso é positivo porque dá uma certa característica subversiva ao psicológico, mas, ao mesmo tempo, faz com que contraditoriamente e negativamente o psicológico seja visto como algo solto. Está dentro do sujeito como se fosse ele um estojo e lá dentro tem algo que balança de vez em quando que se chama psicológico. Eu lembro que meus alunos, quando eu era diretora, eles foram lá fazer um movimento para tirar as cadeiras de Neuroanatomia, Neurobiologia, de Fisiologia Humana, cadeiras biológicas que existem na formação em Psicologia. Eu dizia:

- *Como assim, gente?*

- *Ah, porque a gente acha que não tem a menor necessidade.*

Interessante, não há a menor necessidade de aprender Fisiologia[?]. Claro, uma coisa é do jeito que é dada.

- *Não, não professora. A gente gosta muito da professora, mas não tem a menor importância isso e Neuro também não. Não, não. Para quê? Para quê saber corpo pineal... Para quê? Bobagem, professora. Sinto muito, mas é bobagem.*

Eu falei: - *Está bom. Eu topo. Vamos tirar todas as cadeiras chamadas médicas, biológicas do curso de Psicologia. Mas, olha vocês vão me prometer uma coisa, nós vamos mudar o curso dizendo que o objeto da Psicologia é a alma, vocês topam?*

Eles ficaram me olhando assim, e disseram: - *Não, professora. Que isso, que coisa mais antiga dizer que é a alma. Isso é religioso. Só porque está em uma Universidade Católica vai dizer que é a alma?*

Aí, eu falei: *não, é porque se vocês acham que toda base material do indivíduo que está no seu sistema nervoso, que está no seu corpo, que está no seu aparelho, não serve para nada, não tem nada a ver com o psicológico é por que o psicológico está solto.*

Que lindo. O psicológico está solto.

⁸ Wilhelm Wundt foi um médico, filósofo e psicólogo alemão, considerado um dos fundadores da Psicologia Experimental.

Então, vamos entender esse psicológico como uma alma. É mais fácil entender o psicológico como alma, quando você tem perspectiva, do que falar de psicológico, ficar complicando, falando de subjetividade, né? Vamos falar logo de alma, então.

Aí foi interessante porque fizemos uma discussão, chamamos uns professores da área biológicas e pedimos a cada um deles que apresentassem uma defesa para mantermos as cadeiras das biológicas. E foi muito interessante porque os professores passaram a trabalhar com a noção de consciência e mudou muita coisa no conjunto das disciplinas biológicas. Mas é essa ideia de que está lá solto. Os alunos apenas refletiam de uma forma nua e crua aquela questão. E aí, nós podemos entender que nessa construção tradicional da Psicologia havia uma noção de indivíduo onde ele era absolutamente descolado da sua realidade social e cultural, a ponto de poder estudar criança africana, criança brasileira, criança japonesa, com a mesma construção teórica. Vejam que o problema não está em usar a construção teórica. O problema está em como usamos a construção teórica, porque Piaget ter formulado sua teoria é algo de inovador no mundo dentro do campo da Psicologia do conhecimento, mas a gente pega o Piaget e aplica às teorias. A gente aplica as teorias. Isso é um equívoco epistemológico porque a gente não pode aplicar um conhecimento. A gente precisaria situar esse sujeito na sua cultura, nas suas relações sociais em todo canto.

Eu me lembro de ter feito como aluna da Pós-Graduação uma disciplina na Psicologia Clínica e eu era da Psicologia Social. E aí, dentre as ofertas eu tinha muito interesse, uma curiosidade, assim, para ser aluna do Renato Mezan. Então, me matriculei na disciplina do Renato Mezan. Meu Deus do Céu! Que ousadia da minha parte. Não entendia nada de Psicanálise, a não ser aquilo que eu estudei na Faculdade, e fui fazer a disciplina do Renato Mezan. E logo percebi que minhas colegas de sala eram psicoterapeutas, psicanalistas e feministas. Era um bando de feminista, assim bravas, naquele momento auge do feminismo e o Renato Mezan cometeu o equívoco de dar um texto do Freud onde ele diz que as mulheres sublimam menos. Aquelas feministas fizeram uma revolta. Disseram que não iam mais ter aula, que não iam mais discutir, que não queriam mais, que onde já se viu, que absurdo ele dar um texto daquele. Ele disse assim: *mas gente, é preciso conhecer a obra do Freud mesmo naquilo que o Freud estava equivocado*. Quando ele falou aquela frase Freud equivocado, eu pensei: Não está equivocado. Freud não está equivocado. Aí, ele mandou fazer um trabalho no final do curso que eu não tinha a menor ideia do que fazer. Para mim, era uma dificuldade muito grande. Aí eu comecei o trabalho assim, sentei para começar o trabalho e tocou o telefone, era Freud:

- Ana venha tomar um chá aqui comigo?

Eu falei: - *Não, Freud. Tenho que fazer um trabalho aqui, eu não posso.*

- *Não, por favor, vem aqui a gente conversa.*

- *Não, eu não posso, porque eu tenho que fazer aqui um trabalho sobre aquela sua ideia de que as mulheres sublimam menos.*

- *Não, vem aqui que a gente conversa sobre isso.*

E aí eu fui lá conversar com o Freud e as conclusões da conversa com Freud eram as seguintes, [Risos] dois pontos [Risos]. O Renato Mezan me deu oito e escreveu embaixo assim: *pela ousadia*. [Todos riem]. Ou seja, estava uma porcaria, mas eu tinha sido ousada. [Risos] porque eu fiz um trabalho sobre o movimento das mulheres, história do movimento das mulheres no mundo. Peguei um livro da história das mulheres. E aí, eu comparei as mulheres do final do século XIX – claro, tudo muito superficialmente – as mulheres no final do século XIX da Áustria, elite austríaca no final do século XIX, com as mulheres do século XX. O que faltou para sermos justos com Freud foi a historicidade. Portanto, se o senhor tivesse sido histórico, o senhor teria dito naquele dia que na Áustria, na elite do final do século XIX, as mulheres sublimavam menos, mas que hoje com o movimento feminista e tudo que se passou no mundo social, nas relações de gênero e tudo mais, as mulheres não podem ser consideradas como se sublimassem menos. Então, não é um equívoco de Freud: Freud estava certo. E acabei meu trabalho assim: *Freud estava certo*. [Risos] e tirei o meu oito por causa da ousadia.

Bom, isso significa que nós temos uma concepção, naquilo que estamos chamando de tradicional, uma concepção de humano que é apriorística e que nos permite pensar o humano sem relação alguma ou pouca relação. Vai ser uma relação apenas de influência em um ambiente próximo, pensar a relação do humano com a sociedade. Então aí, vamos falar da família, dos grupos próximos e sem qualquer necessidade de trazer a cultura daquela gente, seus hábitos, sua cor de pele. Veja que a Psicologia vai viver nesse País como profissão durante todos esses anos até 2016 sem precisar estudar a negritude. Vocês já viram algum trabalho? Tem algum trabalho aí no programa [de Pós-Graduação]? Não tem. Se tiver, parabéns. Porque a gente não tem esse estudo. O Ricardo Franklin, quando levantou há 10 anos, encontrou oito trabalhos que falavam do fato do sujeito ser negro e depois produziu um livro sobre a identidade do afro descendente, mas assim, ele percebia que a temática da negritude era absolutamente ausente de uma Psicologia em um País que tem 51% da sua população negra ou pretos e pardos autodeclarada. Então, eu acredito que seja muito mais. Eu que vou sair lá nas estatísticas como branquinha, mas não sou. Pelo meu nariz, pela minha boca, não sou. Então assim, que Psicologia é essa que não precisou considerar os sujeitos negros? Eu aprendi com uma

aluna isso. Eu quando fui diretora, aprendi muita coisa. Ela foi lá porque eu era uma diretora que abria muito as portas para os alunos e ela foi lá e disse assim:

- Vem aqui porque eu quase bati na professora.

Falei assim: *- Nossa, senta aí, bebe uma água, menina. Fica calma, fica calma.*

Aí a aluna disse: *- Sabe o que aconteceu? A professora de teste mandou aplicar um teste na figura humana em criança. Eu apliquei em uma criança negra e ela desenhou uma criança negra lindinha, do cabelinho crespinho. E aí, eu fui para aula de correção com crivo. E aí, a professora foi falando, explicando cada coisa do crivo... Tem pé, tá no chão, tem mão, tem braço, tem cabeça, tem todas as partes do corpo ou não tem. Até que ela chegou no cabelo e quando ela chegou no cabelo, ela falou assim: Tem que ter risca no cabelo. Eu olhei bem o desenho dela e pensei: Se pusesse uma risca aqui ou ela estava penteada... Mas não tem, não tem risca. Falei com a professora: Olha, o que acontece é o seguinte: a minha criança é negra e desenhou uma pessoa negra e não tem risca no cabelo. – Não dava para dizer: é igual ao da fulana, porque não tinha negros na Universidade. – Não tem risca, mas eu acho que está certo, eu acho que está adequado o desenho da minha menina. Quero considerar que está adequado.*

A professora de teste: *- Não, mas não pode. O crivo diz que tem que ter risca no cabelo, a risca é importante no cabelo.*

Aí a aluna começou a discutir com a professora e quase bateu na professora. A professora falou para ela se acalmar e ela foi lá conversar comigo para se acalmar. E ela:

- Como assim professora? Eu descobri que nós temos uma Psicologia preconceituosa! Nós temos uma Psicologia branca!

Aí eu falei: *Um minutinho, um minutinho.* E falei: *Alô? É da Clínica Psicológica? Vocês têm caixa lúdica?*

- Temos.

- Por favor, você pode me descrever o que tem na caixa lúdica?

- Os bonequinhos assim, assim e tal.

- Que cor são esses bonequinhos?

- Brancos.

- Brancos? Ah, tá. Então, fecha essa caixa lúdica e abre a outra, aquela que tem os pretinhos.

Não, professora, não tem caixa lúdica com os pretinhos.

- Ah. Como não tem caixa lúdica com os pretinhos? Pois, proíbe o uso da caixa lúdica.

- Professora, a senhora está louca, não sei o quê, não sei o quê.

- Proíbe o uso da caixa lúdica, não use material preconceituoso, pode proibir o uso.

Aí me ligou a diretora da Clínica: - Não, pelo amor de Deus! Não dá para fazer isso, tem coisa marcada, teste marcado, nós vamos usar.

- E quantos dias você precisa para colocar os pretinhos dentro da caixa lúdica? Eu não sei, porque a editora/Foi a editora.

- Manda a editora fazer os bonequinhos. Tem que fazer.

Bom, eu sei que depois desse tempo as bonequinhas pretinhas estão dentro da caixa lúdica e, para a minha satisfação e da minha aluna, nós fomos a um congresso e vimos lá um saquinho dos bonequinhos, era feito pela Casa dos Psicólogos, um saquinho de bonequinhos pretinhos para caixa lúdica.

Então, como assim nós passamos quarenta anos nesse País com bonequinhos brancos na caixa lúdica? Não, não posso crer que Psicologia fez isso. Não é possível pensar que a gente não conseguiu perceber.

Pesquisa: várias criaturazinhas aqui. Escolha a mais bonita. As crianças brancas escolhiam as crianças brancas e as crianças negras escolhiam as crianças brancas. E o que fizemos com isso? Nada. Registramos: crianças negras preferem crianças brancas. Ah, que lindo. Isso do ponto de vista da subjetividade é um problemão para a Psicologia, é um problemão. A criança que diz para uma estagiária assim: *eu tenho a pele dessa cor, mas assim que eu crescer vou ficar igual à fulana porque vai sair essa casca*. Como assim, minha gente? Nós temos uma identidade sofrida! Nós temos sofrimento, humilhação, e ninguém ligou até agora para isso. Como é possível a gente ter uma Psicologia que não se importou com isso? Estou falando de mim, estou falando de vocês, estou falando de todo mundo. Porque somos todos nós. Eu só conheci o Ricardo Franklin que resolveu [estudar a negritude] e hoje ainda aguardamos a publicação que deve vir aí maravilhosa, do Zamora Gonçalves Filho da USP, que estuda humilhação social e que em um diálogo com o Conselho Federal de Psicologia, na época em que eu estava lá, a gente fez um programa com a TV Futura e discutimos a questão da negritude a partir da ideia de humilhação e ele vem produzindo alguma coisa nessa direção da humilhação social.

Então vejam, isso significa ignorar o contexto. Tem um texto lindíssimo do Milton Bezerra Junior, é a tese dele. Nunca encontrei o texto dele produzido, mas tem em uma revista ou alguma coisa parecida, mas o texto, a tese dele que se chama “O sujeito, esse implícito pouco pensado” é um dos textos mais lindos que eu conheço sobre a questão do sujeito e sobre esse desconhecimento que nós, do lado de cá como profissionais, fazemos e temos a res-

peito do sujeito com o qual trabalhamos. Ele tinha uma experiência de ser psiquiatra na rede pública do Rio de Janeiro e ele faz uma dissertação sobre esse sujeito pouco pensado, que é tomado como inexistente na relação. Claro, a gente faz que considera o sujeito, mas a gente na verdade universaliza e naturaliza os sujeitos. Do outro lado está uma Psicologia que por ser filha dessa contradição, daquilo que se pensa com aquilo que se vive, começa a pensar o sujeito inserido e constituído a partir das relações sociais. Então, nós vamos querer pensar a sociedade junto com o sujeito. E acabou. Tem que ir à manifestação na rua. Tem que saber o que está acontecendo, tem que ler o jornal, tem que abrir todo dia, tem que ler a parte cultural da cidade, tem que ver manifestações culturais. Tem que saber quando a gente vai trabalhar em uma escola na periferia, tem que conhecer de onde aquela gente vem, de quê nordeste ou de que norte aquela gente vem. O que aquela gente faz no seu cotidiano, quais são as suas principais crenças, qual é a sua religiosidade, eu preciso saber para não correr o risco de afirmar que as crianças que vão mal na escola é porque são filhas de famílias desestruturadas. Isto é você afirmar um padrão da elite como um padrão universal. Como eu posso universalizar o sujeito se não adotando um padrão? Isso claro indo do lado de cá para lá. Como é que eu posso manter desconfianças de que existem outros padrões? E já avançamos muito, mesmo deste lado mais conservador, nós já avançamos porque a gente já percebeu que não tem só homem e mulher. Tem homossexual também. A gente já percebeu que não tem só criança e adulto. Tem velho, tem criança. A gente já percebeu, assim, algumas coisas, mas ainda muito ligadas à realidade da elite. Pretos e brancos a gente ainda não percebeu. E tem mulheres e homens, a questão do gênero. [Alguém no auditório cita *as pessoas com deficiência*]. As pessoas com deficiência. Nossa! Esse pegou muito, porque se tornou necessário nos Estados Unidos após a guerra do Vietnã que, as pessoas que tinham servido a pátria, fora aquelas milhares enterradas, foi a coisa que mais me chocou. Duas coisas me chocaram, assim, do pouco do cenário internacional que eu conheço. Um é o deserto do Atacama no Chile [risos] e outro é o cemitério dos Estados Unidos, em Washington, dos jovens mortos na guerra do Vietnã. Aparece nos filmes né, mas aparece só um pedacinho. Aquilo é monstruosamente grande. Como pode um País ter orgulho de ter 30 cruzeiros no chão fincadas de jovens que morreram na guerra? Pois eles adoram aquilo: *Aqui a sua esquerda, a senhora vê...* Aí, você olha e não acaba mais aquele negócio de tanta cruzinha. Mas enfim, eles então precisaram avançar com o conhecimento das deficiências e puseram para o mundo essa questão, a Europa também tinha. Então, veja que são os problemas que a elite vive, esses eles pegam, mas nem todos pegam. E aí, a gente – passei para cá de novo – do lado da cultura, da inserção, de como o trabalhador da terra pensa a vida dele, como ele se pensa, que tipo de intelectualização ele tem, que tipo de inteligên-

cia ele tem, porque a gente nunca pensou nisso. A gente aplica um teste e diz: *é muito inteligente* ou *é pouco inteligente*. É claro que estou simplificando. Coeficiente intelectual alto, menos alto, baixo e a gente não fala assim: que inteligência é essa que eu estou medindo? Que tipo de inteligência? Pelo exercício que você pede para chegar à conclusão de que inteligência é, se ele é inteligente ou não, você pode deduzir o tipo de inteligência. Agora é essa inteligência que todo mundo precisa? No seu cotidiano, na nossa terra, no nosso Brasil? É essa a inteligência que nós queremos estimular nas nossas crianças? Então, a gente tem um descompromisso com uma série de temas na Psicologia que são universalizados e, portanto, ficam ocultos, o seu movimento contraditório fica oculto por uma categoria que vê as famílias como estruturadas. Eu percebi famílias estruturadas no dia que eu andei na rua com meu carro, parei no farol e tinha na frente um carro com umas figurinhas: um paizinho, uma mãezinha, uma criancinha e um cachorro. Hoje já tem figuras ousadas, já tem uma mulher e outra mulher e as crianças; já tem um homem e outro homem. Já estão ousados, mas a família está lá colocada no carro para dizer assim: Esta é a família, eu acho muito bacana uma família. Muito bem. Tudo bem. Pode achar. A minha se desestruturou muito depois das brigas sobre a Dilma, [risos] mas assim... É. Não tem mais natal, acabou muita coisa. [Risos] É. Teve uma piadinha na internet assim: *O que você pode fazer enquanto que a sua família vai para a manifestação pelo impeachment... O que você pode fazer nesse dia para se distrair para não brigar com a família?* [Risos]. *Então, arrume sua estante, leia um livro bom.* [Risos] Tem várias alternativas para você esquecer que parte da família esta lá na rua fazendo manifestação.

E aí, a família. Então, está lá a família estruturadinha e eu falei: *Nossa! É isso*. Sabe-se que grande parte das crianças que não aprendem nas escolas da periferia da cidade de São Paulo são categorizadas ou são diagnosticadas com dificuldade por virem de famílias desestruturadas. Não é interessante que a escola e a Psicologia tenham a coragem de dizer que a criança não aprende na escola porque ela tem uma família desestruturada? Claro que podem existir famílias desestruturadas, mas sabe o que eles tão chamando de famílias desestruturadas? As famílias que 90% delas, ou 80% e tantos delas, são chefiadas por mulheres. É isso que é família desestruturada. Não tem a figura masculina, só tem a figura feminina como a cabeça da família. E aí, é por isso que a criança não aprende porque não tem autoridade paterna e não sei o quê das quantas.

O Sérgio Haddad, que é um educador importante no País, quando a gente atingiu 97% das nossas crianças na escola ele apontou um problema, ele disse assim: *se a escola continuar igual, nós vamos ter problema de criança que não aprende. Por quê? Porque essas crianças que atingiram 97% não estavam previstas para ir a escola. Elas eram para ser excluídas da*

escola, elas eram para ser evadidas da escola. No entanto, agora elas estão lá obrigatoriamente na sala de aula e o professor se orgulha porque ele dá a mesma aula que ele sempre deu. Como assim, cara pálida? Não pode ser assim. Você tem que pensar que essas crianças têm uma família que não lê, tem uma família muitas vezes analfabeta, tem uma família desescolarizada, vítimas da falta de escolarização, que não sabem o raciocínio que a escola produz, elas desconhecem o que a escola produz. A minha neta tem sete anos, me ligou dizendo:

- Eu queria que meu pai comprasse, ele vai viajar e trouxesse para mim umas coisas, vovó. Uma boneca, um tênis de rodinha e uma bota de cano alto.

Eu falei: Muito bem Lara, mas você não acha que corre o risco de uma bota não servir? De repente, não entra na sua perna, é de outro País, outra gente, outro pé. É melhor você desistir da bota. Você vive no País dos calçados; Nós temos Franca⁹ né?

Eu nunca me esqueço que eu tinha um amigo veio dos Estados Unidos com uma bota bárbara e todo mundo invejando a bota dele, essas botas de verniz, assim. Agora quando ele botou os pés em cima da mesa – eu tinha uns 18, 20 anos – quando ele botou os pés em cima da mesa estava escrito Made in Brazil, era de Franca e ele foi comprar lá nos Estados Unidos.

Então, falei para ela: - *Olha, é o País do sapato, não faz isso.*

Aí, ela disse assim: - *Está bom, vovó. Já me convenci. Já cortei da lista.*

Quanta escolarização há nisso? Saber fazer uma lista, entender o que você vai cortar. Se não é possível entender que o que fica na lista é aquilo que tem possibilidade de existir e aquilo que sai da lista é aquilo que não tem possibilidade de existir. Há muito de escolarização nisto. O cotidiano das crianças, o aniversário das crianças, nas brincadeiras, há muito de escolarização em todas essas atividades. Então, vocês imaginem que o adulto que não foi na escola não tem a cultura da escolarização e aí ele tem que ajudar um filho a fazer a lição. O que é fazer a lição? Às vezes, não entende nem o que é a frase. O que é fazer lição, meu filho? Então, nós estamos falando de um País que ainda tem muita gente analfabeta. Nós estamos falando de um País que tem mulheres e homens machistas submetidos a uma relação de gênero machista e de dominação. Nós estamos falando de um País que tem uma pele que não é branca, que não é branca. Nós temos gente que tem cabelo crespo, muito crespo.

Outro dia encontrei com uma moça da TV Futura, que aquela música do Lamartine Babo: o teu cabelo não nega, mulata/ Porque és mulata na cor/ Mas como a cor não pega, mulata./ Mulata, eu quero o teu amor/. Ah! Como a cor não pega? Muito bem, podemos reconhecer,

⁹ Município do estado de São Paulo, conhecido como a capital nacional dos calçados.

Lamartine Babo, Brasil preconceituoso, era o tempo da escravidão, mas não dá para não entender que nós temos uma cultura que ninguém estranha a letra da música do Lamartine Babo.

Então, nós temos essa realidade que precisa ser tratada para se pensar subjetividades, portanto, do lado de cá, estamos falando de uma subjetividade que se constitui no mundo, nas relações sociais, no tipo de cultura, no tipo de cidade que se vive. Quando eu falei assim: *Eu gosto muito dessa hospitalidade, da gentileza, da doçura mineira*, eu estou reconhecendo que há um tipo de subjetividade no Brasil que é mineira. Eu tenho uma sobrinha que ela é toda *molenguinha* assim. Ela faz assim: *ai tia*. E eu falo assim: *lá vem você com a sua mineirice*. E ela é mineira mesmo. Então assim, a gente dialoga, a gente reconhece que há uma subjetividade específica, quando a gente fala do baiano, quando a gente fala do gaúcho, quando a gente faz piadinha de um lugar para outro do País, brincando com coisas diversas, nós estamos reconhecendo que há subjetividades distintas. Mas há a subjetividade brasileira, aquela do jeitinho, aquela do futebol, do carnaval, das mulheres bonitas e peladas etc. Então, estou falando, para finalizar, que nós, se temos alguma intenção de inovar, se temos alguma intenção de ficar do lado da inovação, precisamos reconhecer a tradição, precisamos respeitar a tradição, mas precisamos criticar a tradição e produzir do lado de cá da inovação alguma coisa com uma nova concepção epistemológica de sujeito, de subjetividade que integre o sujeito na sua cultura, nas suas relações sociais, que possa nos apresentar um sujeito que supere a naturalização, essa concepção naturalizadora. Nós precisamos rever muito da nossa prática profissional. Temos que rever nossos instrumentos, nós temos que pensar se os nossos instrumentos servem ou não servem, nós temos que rever a nossa postura política. Nós temos que parar de pensar que o fato de ser psicólogo não nos obriga a uma posição cidadã. Nós temos que pensar que acima de tudo somos cidadãos brasileiros que atuamos nessa sociedade brasileira a partir de um conhecimento especial que é o da Psicologia, específico que é o da Psicologia. Então, deixar de achar que não tem nada a ver conosco o que acontece no nosso País hoje. Como não tem nada a ver conosco? A disputa de projeto que eu estou falando aqui do tradicional com o inovador tem a ver com a mesma disputa que acontece hoje de projetos para o Brasil. Eles refletem projetos para o Brasil. Nós estamos falando de projetos distintos que eu poderia chamar um de tradicional, mercadológico, mercantil e outro projeto das políticas públicas, social, independente. Eu estou aqui desse lado de cá, mas eu tenho críticas. Tudo é possível. Só não é possível achar que você não tem que escolher. Só não é possível achar que você não tem que se comprometer com uma das perspectivas, debater as perspectivas porque a gente se forma em Psicologia com uma visão de que a gente é muito isento, que a gente é isento dessas relações conturbadas, a gente fica no meio dizendo: *olha, fala mais baixo por-*

que... Não, por favor, gente. Pelo amor de Deus! A gente vai ficar aqui no meio do portão? É preciso sair desse lugar, é preciso ter compromisso. Claro, a gente pode continuar fazendo mediação, mas a mediação como técnica e não mediação como postura política. Então, é preciso que a Psicologia seja utilizada por nós como um recurso teórico, técnico para uma intervenção na nossa sociedade para a construção de um Brasil melhor, para a construção de um mundo melhor. É esse compromisso que a gente apelidou de Compromisso Social. É esse projeto de um Brasil melhor que a gente quer. É esse projeto voltado para uma gente que tem uma cor de pele, uma determinada cultura, que tem determinados hábitos, que tem determinado cor de olhos, de textura de cabelo. É para essa gente que a gente quer uma Psicologia. É para essa gente que nós queremos fazer uma Psicologia e não para qualquer gente. Respeitando o tradicional, mas tendo um compromisso com o novo. Obrigada!